

DOCUMENTAÇÃO

www.aese.pt

Índice

As causas dos grandes filantropos	1
A mentalidade subjacente aos abusos na ajuda internacional	3

As causas dos grandes filantropos

As revelações de abusos nalgumas ONG de ajuda ao desenvolvimento provocaram uma revisão da forma de trabalhar neste setor. Para examinar o que está em jogo, é útil conhecer as dimensões da ajuda não oficial ao desenvolvimento. Um relatório mostra qual é a contribuição da filantropia privada.

A ajuda ao desenvolvimento não é somente uma tarefa dos Estados. A filantropia privada também proporciona uma contribuição significativa nalguns campos, embora tenha um volume reduzido comparativamente à ajuda pública.

É o que se observa num relatório da OCDE, "[Private Philanthropy for Development](#)", que reúne pela primeira vez dados mundiais comparáveis e permite quantificar o contributo das principais fundações no período 2013-2015.

Quanto contribui a filantropia privada para a ajuda ao desenvolvimento?

A filantropia privada tem um volume relativamente modesto em comparação com a ajuda pública ao desenvolvimento. Durante o período 2013-2015, proporcionou 23 900 milhões de dólares, equivalente a 5 % da ajuda pública. No entanto, as fundações privadas já têm um papel importante nalguns campos. Por exemplo, na área da saúde, as fundações foram a terceira fonte de financiamento, depois do governo dos EUA

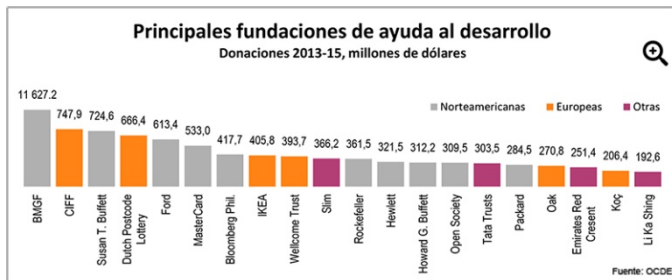
e do Fundo Mundial para a Luta contra a Sida, a Tuberculose e a Malária.

De onde vêm as doações privadas?

Quase três quartos (74 %) vêm de fundações dos EUA. Isto explica-se sobretudo devido ao peso do maior doador, a Fundação Bill & Melinda Gates (BMGF), que proporciona quase metade (49 %) da ajuda total. Além dos EUA, entre os países cujas fundações mais contribuem estão Reino Unido (7 %), Holanda (5 %), Suíça (2 %), Canadá (2 %) e Emiratos Árabes Unidos (2 %).

Quais são as fundações mais importantes na ajuda ao desenvolvimento?

81 % da ajuda total no período 2013-15 foi proporcionada por apenas 20 fundações. Segundo informação da OCDE publicada na "Aceprensa":



Como se distribui geograficamente a ajuda?

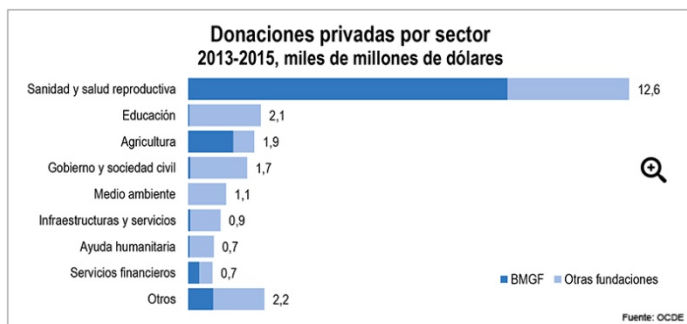
África foi o continente que mais ajuda filantrópica recebeu (28 %); depois figuram a Ásia (17 %), a América Latina (8 %) e a Europa (2 %). 45 % da ajuda filantrópica estendeu-se por diversas regiões.

Por países, o principal beneficiário foi a Índia (7 % do total), seguindo-se Nigéria, México e China.

A que setores se dedica a filantropia privada?

O setor ao qual é dedicada mais ajuda é o de saúde e saúde reprodutiva (52 %), seguido pela educação (8,7 %) e agricultura (8 %).

Também a OCDE o revela, conforme publicado em "Aceprensa":



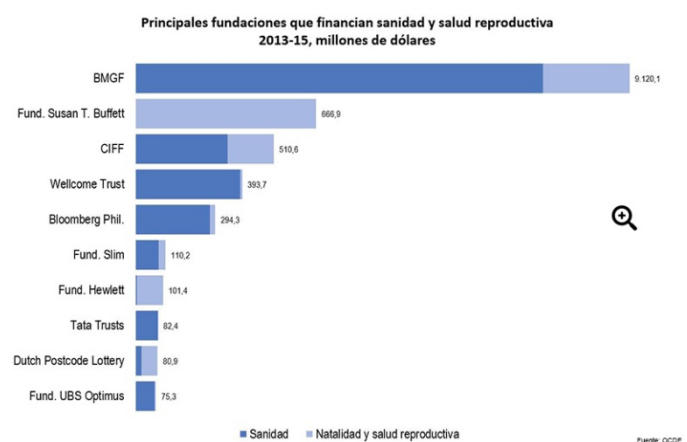
A que se destina o dinheiro da filantropia na área da saúde?

O principal capítulo foi o de controlo de doenças infecciosas (62 %), seguido por planeamento familiar e saúde reprodutiva (18 %), nutrição básica (5 %), cuidados básicos de saúde (3 %), investigação médica (3 %), e educação sanitária (2 %).

A preponderância da área de saúde na filantropia privada deve-se em grande parte à Fundação Gates, que proporciona 72 % do total, especialmente para combater doenças infecciosas, embora também para planeamento familiar.

A tradicional inquietação dos filantropos ocidentais perante a natalidade nos países em desenvolvimento nota-se também no financiamento de projetos em saúde. Um exemplo em destaque é o da fundação de Warren Buffett, que destinou todo o seu financiamento em saúde (666 milhões de dólares) a atividades de controlo de natalidade e saúde reprodutiva.

A OCDE revela as principais fundações que financiam a área da saúde, como "Aceprensa" publicou:



A que se destina a ajuda em educação?

A educação foi o segundo setor mais apoiado pela filantropia privada durante o período 2013-15, com 2100 milhões de dólares (9 % do total). Também é um setor em destaque para as fundações de países emergentes que operam no plano nacional e proporcionam 25 % da ajuda para educação.

Os donativos para a educação concentram-se especialmente no ensino superior e no ensino técnico avançado (30,4 % do total), acima do dedicado ao ensino pré-escolar, primário e secundário (20 %).

A mentalidade subjacente aos abusos na ajuda internacional

Os escândalos protagonizados por organizações de ajuda internacional podem ter, entre outros, um motivo profundo: o desconhecimento dos países onde trabalham e a distância entre locais e estrangeiros, fomentada pelo preconceito do “salvador” num país “não civilizado”. Acabar com esta mentalidade pode ser o primeiro passo para que os projetos de desenvolvimento sejam mais eficazes.

A cooperação internacional não se encontra no seu melhor momento. Com o escândalo de exploração sexual protagonizado pela Oxfam e pelas numerosas acusações de sexismo e assédio noutros organismos de ajuda internacional, estas organizações perdem credibilidade e muitos dos seus doadores começam a levantar questões gerais sobre a sua finalidade e o impacto que têm no desenvolvimento de um país (ver “Opacidade humanitária”: “Aceprensa”, 20.2.2018). Muitos interrogam-se sobre os seus modos de trabalhar e os objetivos que procuram, assim como sobre a ética com a qual atuam no terreno.

Primeiro, escutar

Há quem explique os lamentáveis factos ocorridos como resultado lógico da atitude com que estas organizações trabalham. A colunista Afua Hirsch [explica no “The Guardian”](#) (20.2.2018) que muitas vezes as organizações prestadoras de ajuda foram criadas com um preconceito de “salvadores”, herdado do colonialismo que encara os países recebedores de ajuda humanitária como carentes de “valores civilizados”. Isto propicia o fomento de atitudes de poder em que os enviados pelas organizações se sentem “com direito” de abusar dos locais.

Esta visão deve-se a uma profunda ignorância em relação às tradições e valores dos países nos quais trabalham. Ebele Okoye, diretora do projeto AMAD na Nigéria (ver [“Aceprensa”, 8.3.2018](#)), assegura que “não podemos esquecer que estas organizações fizeram muitas coisas boas, mas têm que melhorar os seus projetos e os seus planos. O importante é escutar as pessoas do lugar antes de implantar um projeto”.

Neste sentido, Okoye explica que, muitas vezes, as organizações de ajuda internacional investem muito dinheiro em projetos que elas próprias prepararam sem levar em conta os africanos, com projetos que vêm de fora e que não se encaixam na mentalidade africana. “As soluções para África têm de vir de África. Não temos de fazer de África uma ‘boa cópia’ da Europa”.

Algo semelhante defende María Rodríguez, que trabalha na Junkabál, uma associação para a formação técnica e inserção laboral da mulher na Guatemala. Diz que “nalgumas ocasiões, as organizações não governamentais estrangeiras se guiam por uma agenda global de desenvolvimento cujos parâmetros não estão adaptados ao contexto do país de intervenção. As grandes agendas de desenvolvimento ou objetivos de projetos de desenvolvimento têm um foco vertical, em vez de horizontal, que leve em conta as necessidades e desejos das populações beneficiárias”.

Para conseguir que estas organizações tenham um impacto positivo e sustentável, Rodríguez propõe que antes de implementar os projetos, incluam uma componente de investigação que as ajude a conhecer melhor as necessidades da população.

Abordagens tóxicas

Em vez disso, a mentalidade de se considerar superior propicia as atitudes de poder e de exploração que possibilitam escândalos como os denunciados no Haiti. No entanto, há quem alegue que estas abordagens tóxicas não se manifestam apenas em abusos, como também no discurso que envolve as agências de ajuda humanitária. Tal é o caso das imagens das crianças nas campanhas de recolha de fundos, ou da linguagem desumanizante que é utilizada para falar das vítimas dos abusos sexuais.

[Radi-Aid](#) é uma campanha organizada por um grupo de estudantes e académicos na Noruega que procura mostrar de forma satírica o absurdo do discurso envolvente muitas vezes na cooperação internacional. Todos os anos entregam um prémio aos anúncios que são mais contraproducentes aos seus objetivos, por obscurecerem as causas da pobreza, apresentarem situações simplificadas e as pessoas como sujeitos passivos necessitados de ajuda.

Este ano, um dos “galardoados” com o prémio “Radiador Enferrujado” foi o muito criticado anúncio da Comic Relief que mostrava o cantor britânico Ed Sheeran na Libéria a anunciar que para ajudar uma criança, ia pagar-lhe a estadia num hotel até que pudesse encontrar um lar estável para ela. A Radi-Aid também entrega o prémio “Radiador de Ouro” aos anúncios que melhor utilizem a narração para fugir dos estereótipos e mostrar as situações de modo mais completo e contextualizado, como uma [campanha da War Child Holanda](#).

Como estas, existem muitas outras iniciativas. É o caso da Barbie Savior no Instagram, que com as suas montagens, procura criticar esta realidade do “voluntariado turístico”, em que muitos vão ajudar comunidades necessitadas, mas que, às vezes, termina por ser contraproducente e pouco eficaz, em vez de criar um impacto positivo.

Na procura de soluções para estas questões complicadas, diz-nos Okoye que é importante apoiar projetos dirigidos pelas pessoas originárias do lugar que se quer ajudar: “Quando vou a estas áreas rurais aprendo muito com eles. Na Nigéria somos pobres e temos muitos problemas, mas há muito a aprender lá”.

Remar juntos

Por seu lado, Rodríguez explica que o desenvolvimento deve ser algo que inclua todos os setores da população: civis, governos central e local, iniciativa privada e instituições de cooperação: “De modo que os projetos das organizações de ajuda internacional contribuam para o desenvolvimento dos países de destino, devem estudar o contexto local e analisar a agenda nacional para remar em conjunto rumo ao mesmo objetivo e chegar mais rapidamente à meta. Do mesmo modo, é conveniente pensar nos projetos como iniciativas de investimento social, onde o capital investido deve criar retornos (sociais, ambientais e económicos) para todos”.

C. C.